



HIP HOP PRESENTE! - ACONTECIMENTO NA ESCOLA

HIP HOP PRESENT! - HAPPENING AT SCHOOL

HIP HOP PRESENTE! - EVENTO EN LA ESCUELA

Tatiana Zavanella

Escola SESI Santo André

Arthur Müller

Faculdades SESI de Educação

Hugo Cesar Bueno Nunes

Faculdades SESI de Educação

INTRODUÇÃO

A dança é uma manifestação expressiva e cultural da humanidade, por isso se faz presente no ambiente escolar, mas não raro percebemos a proposta da vivência de tal manifestação restringida a arte e educação física, principalmente quando consideramos o período das festividades juninas.

Inserida em uma proposta cultural de educação física, a dança pretende dialogar com as diferentes culturas dos escolares por meio das orientações: mapear e realizar as leituras das práticas corporais, vivenciar e ressignificar os diferentes “dançares”, aprofundar e ampliar as possibilidades de prática.

O presente relato de experiência foi pautado a partir da proposta do currículo da rede SESI (culturalmente orientado), onde foi tematizada a dança com estudantes dos 9º anos do ensino fundamental na escola SESI Jardim Santo Alberto, em Santo André.

PERCURSOS

Partindo da tematização de dança, para melhor realizar o mapeamento e as leituras corporais presentes das turmas, questionamos: “O que é dançar para você?” e “Como a dança



está presente em sua vida?” Dentre as respostas, a expressividade, a diversão, a comemoração e o entretenimento foram as mais fortes, estando presente nas vidas dos estudantes a partir das redes sociais.

A partir disso, percebemos que as “coreografias” curtas, de movimentos ilustrativos às letras das músicas escolhidas, contemplava o imediatismo e a velocidade de informações mencionados por Bondia (2002). Sendo assim, passamos para outra vivência e como primeiro desafio os alunos deveriam se dividir em grupo por livre escolha e cada um deveria selecionar 5 movimentos presentes no cotidiano. Nesse momento, alguns protestaram: “Prô, não tenho criatividade!”. “Não tenho coordenação para isso!”. “Nossa, que difícil! Que vergonha! Eu não sei dançar!”.

Mediante a essas falas, decidimos dialogar para compreendermos um pouco melhor do que se trata o movimento. “Chutar uma bola é um movimento?”. “Colocar os cílios é um movimento?”. “Ah tá! Agora ficou mais fácil!”.

Aparentemente superado isso, retomamos a atividade em que unimos os movimentos de todos/as estudantes para compartilhar uns com os outros. Passados os breves momentos de desconforto e timidez, a turma se acomodou naquele novo território corporal. Foram juntos, assumindo o papel de estrangeiros e se entregaram de maneira muito divertida àquela nova experiência corporal.

Durante a vivência, algo nos chamou a atenção. A partilha de movimentos não precisava ser com música, porém um dos grupos trouxe a música da Galinha Pintadina em ritmo de valsa. Como em nosso mapeamento apareceu a dança como forma de festa e comemoração, passamos a organizar as aulas nesta perspectiva.

A VALSA

Duplas formadas, passos aprendidos. Música e vamos dançar! Nesse momento um dos garotos me tira para dançar e me conduz com toda a fluidez da valsa. A surpresa e o encanto tomaram conta da turma, fazendo com que acontecesse uma disputa para dançar com o “Pé de valsa” (nome atribuído ao garoto nesse momento).

Terminada essa vivência, fizemos uma roda de conversa. A primeira pergunta foi para o “Pé de Valsa”. “Onde você aprendeu a dançar valsa assim?!”. “Minha vó! Respondeu. “Ela



vai para os bailes e ensaia comigo! Adoro dançar valsa com ela!”. Em seguida, após abrir para a turma dizer sobre suas sensações, muitas garotas responderam que foi muito bom, pois queriam aprender a dançar para a festa de debutante. Começamos a discutir sobre os tipos de festas onde a valsa está presente. Casamento, debutante, formatura, todas festas consideradas de gala, com um grande investimento financeiro. Conversamos onde e quando a valsa surgiu e sobre sua representação de nobreza. Discutimos ainda sobre o significado do baile de debutantes, “a apresentação da menina/mulher para a sociedade”. “Nossa prô! Então era meio que um leilão das meninas?”. “Por que ainda reproduzimos esse tipo de coisa?”. “Para se aparecer!”.

O ROCK A BILLY

Durante a roda de conversa, nos deparamos com mais uma prática: “Professora, meu pai é Rock a Billy. Ele já foi até se apresentar no Raul Gil!”. “O que é isso?” Vamos para a prática!

Duplas formadas, passos aprendidos e corpo sacolejando ao som de Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Chuck Berry e Little Richard. Nessa vivência tivemos até a participação do coordenador pedagógico que dançou com a turma.

Partimos então para a roda de conversa. Assim como na valsa, iniciamos com as impressões sobre a vivência: “Alguém conhece essas músicas que dançamos?”. Resposta única: Elvis Presley. Perguntei se a turma sabia a origem do rock e bem afiados em seus conhecimentos logo afirmaram que vinha do Jazz e do Blues. “Certo! Mas então por que o Elvis é considerado o rei do rock e vocês nem conheciam o Chuck Berry que é da mesma época do Elvis e preto?”. Aproveitando o momento de reflexão aproveitei para provocar mais um pouco contando sobre a origem sulista do Elvis e do Jerry Lee e que frequentemente fugiam para as festas clandestinas dos pretos ainda fortemente perseguidos pela comunidade sulista. Eis que no fundo da sala ecoa “Apropriação cultural!”. A partir daí discutimos sobre a comercialização dos estilos musicais para a classe média branca escondendo a negritude e a periferia. Os alunos fizeram um paralelo com o que acontece com o funk e o rap na atualidade.

Comentamos sobre a sexualização do corpo dançante através do tempo, que acontece no funk e aconteceu no rock com o Elvis também, pois no início de sua carreira as



apresentações televisionadas cortavam seu corpo para não mostrar a ginga da sua pelve evitando assim profanar a pureza das moças de família.

MOVIMENTOS URBANOS

Aproveitando o discurso da turma sobre a omissão da negritude e da periferia nas produções culturais e considerando as origens e o contexto da comunidade escolar e da realidade tecnológica que permeia o universo juvenil, trouxemos novamente esse corpo dançante e expressivo para sua realidade cultural emergido de novas experiências e vivências aparentemente significativas. O desafio agora era compreender nossa forma de expressão, decidir como dialogar com a nossa comunidade escolar sobre esse corpo omitido, negligenciado e reduzido às reproduções mercadológicas das mídias sociais.

E ela estava lá! O tempo todo, sem que nos déssemos conta, as folhas de caderno rabiscadas e contornadas pelas linhas do grafite durante os momentos entediantes, devaneios escritos na tábua da mesa entre uma conta de matemática e outra, brincadeiras de rima no intervalo e provocações corporais acrobáticas entre amigos. Hip Hop, presente!

Diante dos fatos surgiu a necessidade de conhecermos um pouco mais sobre o espaço público, arte urbana e inclusão social. As expressões artísticas se descolam da vida e se limitam em espaços de apreciação, entre obra e espectador, artista e apreciador se transformando em uma arte hegemônica.

As expressões urbanas por sua vez quebram as paredes que aprisionam os patrimônios culturais e se diluem entre os transeuntes, sem hora, nem dia marcado, sem esperar uma análise crítica e intelectualizada. Alinhado ao currículo cultural e o campo da imanência, da arte do acontecimento, provoca o estranhamento e rompe o automatismo do ir e vir presente nos espaços urbanos.

Pensando nesses aspectos, as turmas se dividiram entre as manifestações mais significativas para cada um. Em uma turma os alunos se dividiram em grupos de grafite, rap e break e na outra turma se dividiram entre grafite e batalha de rima. As produções foram realizadas durante as aulas de educação física, com espaço de voz para os alunos se expressarem dentro de sua escolha.



O ACONTECIMENTO

Em princípio, a ideia de apresentar as produções não foi muito bem aceita por alguns, as justificativas por não compartilhar as produções estavam apoiadas na vergonha, no julgamento dos outros, “Mas vamos apresentar para a escola toda?!”. “Que vergonha!”. Reações totalmente esperadas se tratando de jovens daquela faixa etária, porém conversamos sobre a oportunidade de se fazerem ser ouvidos, que tudo o que produzimos até o momento constituía nossa história e que havia um pouco de cada um de nós, do nosso grupo, sendo assim, seria muito interessante que nossa comunidade escolar pudesse saber um pouco mais sobre nosso grupo.

Após aceitarem o desafio da apresentação, chegamos à conclusão de que ela não poderia ser como sempre se fazia na escola: aviso prévio e organização estruturada, onde o pátio é destinado para as pessoas que irão assistir e o palco para aqueles/as que irão apresentar. Era preciso subverter essa ordem. Mas como fazer? A ideia era quebrar com a rotina, precisávamos revirar a rotina da escola e as ideias vieram, cada turma dentro da sua proposta e de forma diferente.

Com a turma A decidimos entrar nas salas de aula, ir até as pessoas e não o contrário. “Mas prô, como vamos fazer o break na sala de aula? Não tem espaço!”. “Espaço tem! Precisamos é ganhar ele!”.

Chegado o dia somente avisei os professores que passaríamos nas salas apresentando um trabalho, não entrei em muitos detalhes. Batíamos na porta, eu colocava somente a cabeça na porta, então o professor ou professora acenava positivamente para entrarmos.

Ao som de “Na Fé Firmão” dos Racionais MC’s, literalmente invadimos o espaço de mesas e cadeiras enfileiradas uma atrás da outra. “Levanta! Levanta! Levanta!” todos nós falávamos e empurrávamos as mesas e cadeiras em busca de espaço. Os alunos da sala demoravam para processar, não estavam entendendo o que estava acontecendo. “É sério? É para levantar?”, “O que está acontecendo?”, “Por que isso?”. A surpresa e o espanto estavam estampados nos rostos e quando o espaço estava aberto, os alunos do break entravam já com suas acrobacias causando um alvoroço para quem assistia, seguidos pela turma do grafite que carregava suas obras nas mãos. Nesse momento o espaço da sala se transformava em um grande acontecimento.



O rap foi escrito por um grupo de garotas e elas recitaram sua poesia ao final do break. Sendo ovacionados, saímos da sala, sem mais nem menos, deixando tudo aquilo ecoando no espaço, atravessando a rotina de aula.

Com a turma B realizamos uma intervenção na hora do intervalo. Nos encontramos no centro do refeitório, enquanto muitos dos alunos estavam sentados nas cadeiras, tomando seus lanches. Fizemos uma roda, expusemos os grafites, colocamos o som e a batalha começou.

Em princípio a turma estava um pouco tímida, mas aos poucos a roda foi tomando volume com a turma que corria curiosa para saber o que estava acontecendo. “É briga?”. “Não! É batalha de rima!”. “Mata ele! Mata ele! Mata ele!”. Devo confessar que me assustei com os gritos de “Mata ele!”, mas uma aluna esclareceu a minha ignorância “É assim que a galera vibra na batalha prô!”. E assim aprendo!

Durante as rimas algumas frases preconceituosas referidas a cor e o tipo físico foram proferidas e ao final da intervenção fizemos uma roda de conversa. Questionei os alunos se em uma batalha de rima era frequente a utilização dessas expressões. Alguns afirmaram que sim, e outros que nos lugares que frequentavam não era permitido. Diante disso retomei com os alunos a proposta dos movimentos urbanos e do hip hop pontuando como a rima ofensiva vai contra toda a proposta do movimento.

AVALIAÇÃO CULTURAL

Toda a proposta foi se estruturando de acordo com os momentos de avaliação mediante as rodas de conversa em torno dos princípios éticos/políticos que atravessavam as vivências trazidas pelos alunos e um relato de vivência no final do processo, no intuito de calcular e recalculando rotas, como utilizado por Müller e Neira (2018, p. 775-800)

Sabendo que as experiências são individuais e imensuráveis não é possível atribuir um valor numérico a subjetivação dos alunos, porém nos encontramos em um sistema e em uma instituição que quantifica o resultado da aprendizagem. Para contemplar essa norma burocrática, realizamos uma autoavaliação entre os pares em torno das questões observadas durante o processo e cada aluno atribui sua própria nota.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desafiador propor práticas que se esquivam da bola e da quadra nas aulas de educação física, bem como buscar uma prática de currículo cultural uma vez que as culturas esportivistas, tecnicistas e higienistas ainda permeiam de forma estrutural nosso componente na escola. Seguimos resistindo para continuar existindo na educação, no lugar de transformação social.

Independente da tematização proposta o existir de cada ser se faz em seus corpos, atravessados, remoídos e reinventados. É o aprender visceral, provocante de urgência das questões latentes e inconscientes, mas que se fazem presentes em ações, gestos e discursos. Entender e compreender tais fatos nos resgata da escuridão e da ignorância, nos muni de poder para transformar realidades negligenciadas e já translucidas pelas infinitas tentativas de serem apagadas.

Sigamos nesse por vir de corpos dançantes, jogantes, brincantes, lutantes e tantos outros corpos que surjam para dialogar em busca de uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista brasileira de educação, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan. /fev. /mar. /abr. 2002.

FARTAUD, A. **O teatro e seu duplo.** São Paulo: Martins Fontes, 2006

NEIRA, M.G. **Educação física cultural: Inspiração e prática pedagógica.** Jundiaí: Paco, 2019.

NEIRA, A.G.; NUNES, M. **Epistemologia didática do currículo cultural da educação física.** São Paulo: FEUSP, 2022

MARZADRA, F. **Espaço público, arte urbana e inclusão social.** Revista NAU social, Salvador, v. 3, n. 5, p. 169-183, mai./out. 2013.



Ciências do Esporte / Educação Física,
Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando
as forças democráticas
nas águas do Dragão do Mar

17 a 22 de setembro de 2023 / Fortaleza – Ceará

MÜLLER, A.; NEIRA, M. G. **Avaliação e registro no currículo cultural da educação física.** Estudos em avaliação educacional, São Paulo, v. 29, n. 72, p. 774-800, set./dez. 2018.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. **Proposta curricular de educação física SESI – SP: ensino fundamental ao médio.** São Paulo: SESI – SP editora, 2013.